

OS DEVANEIOS DE UM PASSEANTE SOLITÁRIO (JEAN-JACQUES ROUSSEAU)

por BEATRIZ CERIZARA (UFSC)

"Disse a verdade: se alguém sabe de coisas contrárias ao que acabo de expor, fossem elas mil vezes provadas, só sa be de mentiras e imposturas; e se esta pessoa se recusa a esclarecer e aprofundá-las enquanto eu ainda estou vivo, é porque não aprecia a justiça nem a verdade. Quanto a mim, declaro em voz alta e sem receio: quem quer que, mesmo sem ter lido minhas obras, examinar com os seus próprios olhos o que eu sou naturalmente, examinar o meu caráter, meus costumes, minhas inclinações, meus prazeres, meus hábitos e

puder ainda assim julgar-me um homem desonesto, é um homem que deve ser suprimido." (As Confissões de Jean-Jacques Rousseau, p. 595).

Com estas palavras Rousseau termina As Confissões, escrito entre 1776 e 1770, que assim como o seu Dialogues de Rousseau juge de Jean-Jacques mantém a mesma preocupação em se explicar frente a seus contemporâneos, mostrando a sua versão dos fatos ocorridos no transcorrer da sua tumultuada vida.

No entanto, este livro Os devaneios de um passeante

solitário - que nos chega com dois séculos de atraso, mas não sem tempo - mesmo se inserindo na trilogia das obras de Rousseau, onde ou sou utilizar como temática central o "se colocar no texto", apresenta uma característica muito peculiar: nos mostra um Rousseau vivendo um momento único e diferenciado dos tantos já descritos por ele, qual seja, o da busca do entendimento de si próprio.

"Mas eu afastado de les e de tudo, que sou eu mesmo? Eis o que me falta procurar. Infelizmente esta procura deve ser precedida por um exame da minha situação. É uma idéia que devo necessariamente passar para chegar deles a mim" (24)

Pela primeira vez se rompe a relação direta e dependente com o exterior, mantida nos outros dois livros. Aos 64 anos, Rousseau não tem mais a esperança de ser entendido pelos outros e a perda do elo de ligação com o exterior se reverte num reencontro consigo mesmo: há o encontro e a descoberta de ter a si próprio como companheiro. "Sozinho

pelo resto da minha vida visto que somente em mim encontro consolação, a esperança e a paz, não devo nem quero ocupar-me senão comigo mesmo..." (26)

Esta constatação parece ser vivida como libertação, gerando um estado de transcendência em Rousseau. O texto flui tão solta e belamente, que desamarra e libera Rousseau para este encontro consigo próprio e inevitavelmente com o eu interior de cada um de seus leitores.

Com a intenção de descrever este estado de espírito tão singular, Rousseau tem o seguinte projeto: "manter um registro fiel de minhas caminhadas solitárias e dos devaneios que as preenchem, quando deixo minha cabeça inteiramente livre e minhas idéias seguirem sua inclinação, sem resistência e sem embaraços." (31)

E se, ao terminar As Confissões, demonstrava uma segurança inabalável de ter sido sempre verdadeiro e honesto consigo e com os outros, em seus Devaneios admite que "o conhecer-te a ti mesmo do Templo de Delfos não era uma máxima tão fácil de seguir quanto julgara nas minhas Confissões." (56)

Ao todo são dez passeios, escritos a partir de situações e reflexões aparentemente corri

queiras, onde Rousseau deixa fluir o pensamento sobre a mentira, verdade, felicidade, juventude, velhice, amor, pela botânica, natureza, sociedade e tantos outros.

Tendo estes temas como ponto de partida, sua meta é um profundo mergulho em seu interior: "os verdadeiros e primeiros motivos da maior parte de minhas ações não são tão claros para mim mesmo, quanto havia por muito tempo imaginado." (81)

Vai pouco a pouco limpando o terreno, cortando arestas e entendendo ações passadas sob novos prismas; relativiza suas antigas verdades, construindo densas análises sobre as transformações de si mesmo e dos seres humanos. "Tudo aqui vive num fluxo contínuo que não permite a nada manter uma forma constante. Tudo se transforma ao nosso redor. Nós mesmos mudamos e ninguém pode estar certo de amar amanhã o que ama hoje." (117)

Os temas abordados não diferem muito daqueles sobre os quais tratou em suas outras obras, mas algo mudou; Rousseau mostra sua sensibilidade mais aguçada, com um tom de quem alia, à maturidade das experiências vividas, o sentimento e

a paixão necessárias à razão.

Este livro é um tributo ao "ser do homem" e Rousseau se mantém fiel a isto, até sua morte. "Contudo não sinto meu coração suficientemente contente com estas distinções para me julgar completamente irrepreensível. Pesando com tanto cuidado o que devia aos outros, terei examinado o que devia a mim mesmo? Se é preciso ser justo para com os outros, é preciso ser sincero para consigo mesmo, é uma homenagem que o homem de bem deve prestar à sua própria dignidade." (66)

Este último livro escrito por Rousseau, nos chega numa bela tradução de Fúlvia Morretto, professora de Literatura Francesa da Universidade Estadual Paulista. Sua tradução demonstra uma rigorosa preocupação em manter o estilo do autor, conservando sua genialidade, ao mesmo tempo em que possibilita aos leitores de hoje, o entendimento da modernidade e contemporaneidade do pensamento de Rousseau.

Só resta nos rendermos ao seu convite de "saborear essas delícias interiores que as almas amantes e doces encontram na contemplação." (31)

"Entregue-mo-nos inteiramente à doçura de conversar com minha alma..." (26)